

NOBREZA. QUEM USA OS TÍTULOS NOBILIÁRQUICOS

ESTÁ LÁ? FALA

Uns travaram batalhas legais para usar o “dom”, outros têm o título na lista telefónica mas só o usam em “circuitos fechados”.

Por **Teresa Gens**

Se não é da aristocracia, mas gostava de ser, a maneira mais fácil de realizar esse desejo é na lista telefónica. Ninguém o vai desmentir. As operadoras das páginas brancas limitam-se a receber os nomes dos clientes ou apenas o título nobiliárquico sem qualquer nome associado. Por absurdo: “Olhe, quero figurar como condessa de São Domingos de Benfica.” É quanto basta.

Já para ter o título associado ao nome no bilhete de identidade a história é muito diferente. Vasco Xavier Teles da Gama tem hoje “Dom” como primeiro nome, mas para isso precisou de uma batalha jurídica que se arrastou por oito anos.

Foi de recurso em recurso, do Arquivo de Identificação ao Supremo Tribunal Administrativo. “O Ministério da Justiça ainda recorreu, mas fora de prazo.”

Por ter “Dom” na sua certidão de nascimento e no registo de baptismo, D. Vasco Xavier Teles da Gama, descendente de Vasco da Gama, sempre achou que era um direito seu utilizá-lo nos seus documentos. Como isso não lhe era permitido no BI, andou oito anos sem este documento. A confusão começou na faculdade, quando (por não poder revalidar o BI) ficou sem uma

nota final. Durante anos, de cada vez que precisava de fazer uma escritura ou proceder a um acto jurídico, como não tinha BI precisava de levar duas testemunhas.

Foi um processo que terminou há 14 anos, caríssimo, e que o próprio considera incrível: “Imagine-se, tive de pagar à Justiça para poder usar o meu nome.” Neste momento, o “Dom” está em todos os seus documentos, do cartão de eleitor à carta de condução.

Há quem tenha o título na lista telefónica, mas prefira usá-lo apenas em “circuitos fechados” – expressão utilizada pelo visconde dos Olivaes. Vasco Maria Pinto Leite, de

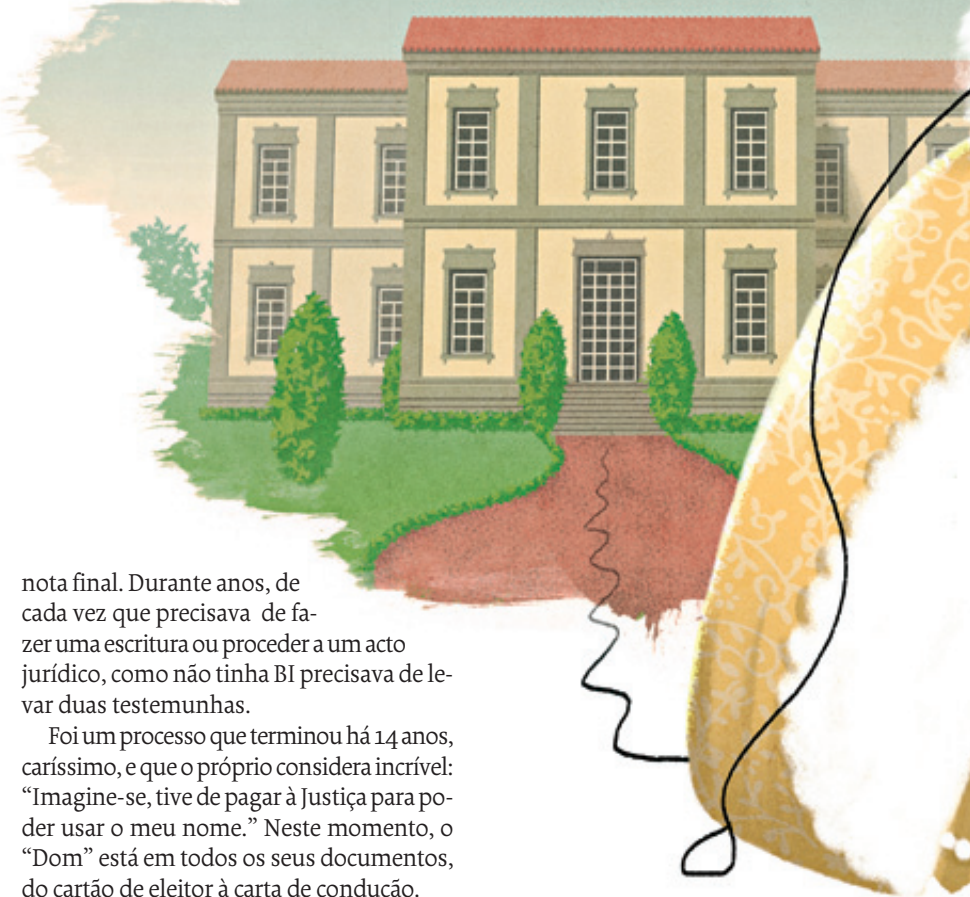
Vasco Xavier Teles da Gama tem “Dom” no nome depois de uma batalha de oito anos

59 anos, esclarece que a assinatura na lista era do pai e terá lá sido colocado o “visconde” para facilitar a recepção de convites para cerimónias e festas. Ele, que é o 6.º visconde, não valoriza o título e não gosta de o usar fora de determinados círculos, por exemplo no clube que frequenta, o Turf, onde “é uma tradição” os membros serem tratados assim.

Mas também não o rejeita, até por ter um orgulho enorme na história da família. Clementina Pinto Leite foi condessa da Penha Longa por atribuição do Rei D. Luís, pela sua obra de caridade para com crianças desfavorecidas. No Asilo da Gandarinha (de Oliveira de Azeméis) deu-lhes tecto e protecção.

A condessa, nascida em 1840, nunca teve filhos e aplicou boa parte da fortuna nessa obra que ainda hoje existe através da Fundação Condessa de Penha Longa, uma IPSS que educa e trata de 200 crianças. O visconde dos Olivaes preside a esta Fundação e respeita o testamento de D. Clementina, cuja biografia foi lançada recentemente em livro.

Álvaro José de Carvalho Roque de Pinho, o 4.º conde de Alto Mearim, afirma que a família sempre teve o nome na lista telefónica





Muitos nobres atendem o telefone e há poucos brincalhões a ligar

RUJ RICARDO

com título nobiliárquico incluído. “Nem nos passou pela cabeça ser de outra forma. O meu pai toda a vida usou o título e agora eu.”

Filho de Maria Cristina Maia de Carvalho Roque de Pinho, de 102 anos, ainda viva, Álvaro Roque de Pinho, de 75 anos, não tem problemas em atender o telefone. Afinal, nunca houve telefonemas caríctos, pedinchas ou troças, e por isso há-de continuar na lista: “Não há razão para não sermos transparentes, podemos atender quem nos liga.”

Álvaro Roque de Pinho faz contas à descendência da mãe: a condessa tem cinco filhos, 17 netos e 40 bisnetos e fala dos legados do trisavô. Em 1891, José João Martins de Pinho foi agraciado com o título de 1.º conde de Alto Mearim pelo Rei D. Carlos. Nascido em

Poucas dezenas

São escassos os números de telefone associados a um título na lista



Contagem falível a partir do site das Páginas Brancas

Fonte SÁBADO

SÁBADO

Matosinhos, emigrou para o Brasil, onde teve uma actividade intensa em várias frentes: criou o Banco de Crédito Real, que atribuía crédito aos seus compatriotas, lançando-lhes os negócios; e esteve na origem do Liceu Literário Português, que inaugurou a instrução popular no Rio de Janeiro.

TAMBÉM O CONDE José Maria de Avilez, de 85 anos, atende o telefone pessoalmente e conversa tranquilamente com quem lhe liga. Diz que se revê muito mais no título de engenheiro do que no de conde. A assinatura do telefone está em nome do Conde de Avilez e ele explica: “Vem do tempo do meu falecido pai (o 6.º conde de Avilez), é para aí de 1960.” Nunca a alterou, deixou ficar na lista o título criado por D. Maria II, em 1838, a favor do seu antepassado Jorge de Avilez, pelos serviços militares prestados ao comando das tropas fluminenses no Reino do Brasil.

Entre as poucas dezenas de números de telefone associados a títulos na lista telefónica estão por exemplo a Marquesa do Lavradio, o Conde de Anadia, pai do empresário Miguel Pais do Amaral, ou o Conde de Alte. ●

Com Dulce García